



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

Thiago Silva de Souza¹
Méri Rosane Santos da Silva²
Gustavo da Silva Freitas³
Luiz Carlos Rigo⁴

RESUMO: Objetivei nesta investigação construir parte das memórias do surf na Praia do Cassino–RS. Para tanto, os recursos metodológicos advindos da História Oral proporcionaram-me um suporte empírico constituído por fotografias e entrevistas temáticas com quatro surfistas “das antigas” que localizaram suas memórias no final da década 70 e início de 80. A partir dessas fontes, concluí que: 1) a amizade, enquanto uma prática de sociabilidade que institui cumplicidades, destacou-se nas lembranças dos surfistas “cassineros”; 2) apesar de não estar entre as praias brasileiras em que mais se pratica o surf, o Cassino possui uma importância significativa para os surfistas da região.

Palavras-chave: Memória. Amizade. Surf. Praia do Cassino.

“GONE SURFING”: MEMORIES AND FRIENDSHIP IN CASSINO BEACH –RS – BRAZIL

ABSTRACT: The point of this investigation is to bring back for nowadays part of the surf memories from Cassino Beach – RS, Brazil. Therefore, the methodological resource from Oral History gave me an empiric support together with the photographs and interviews made with four experienced surfers. They shared with me their experiences and memories from the late 70’s and early 80’s. From these sources, I concluded that: 1) friendship as a practice of sociability and *comradeship* stood out in the memories of the “cassineros”, 2) despite Cassino beach is not among the most famous Brazilian beaches for surfing, it has a significant importance for local surfers.

Keywords: Memory. Friendship. Surf. Cassino beach.

“SE FUE AL SURF”: RECUERDOS Y AMISTADES EN LA PLAYA DEL CASSINO – RS –
BRASIL

RESUMEN: Tuve como objetivo en esta investigación construir parte de los recuerdos del surf en la playa del Cassino-RS, Brasil. Para tanto, los recursos metodológicos advenidos de la Historia Oral me proporcionaron un soporte empírico constituido por fotografías y entrevistas temáticas con cuatro surfistas “de las antiguas” que ubicaron sus recuerdos en el final de la década de 70 e inicio de 80. Con base en esas fuentes, concluí que: 1) la amistad, como una práctica de sociabilidad que instituye cumplicidades se ha destacado en los recuerdos de los surfistas “cassineros”; 2) aunque el Cassino no esté entre las playas

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde. E-mail: tesurfing@hotmail.com.

² Prof^{ma}Dr^a do Instituto de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pesquisadora da Rede CEDES – ME.

³ Prof. MSc. do Instituto de Educação - Curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Drndo. Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.

⁴ Prof. Dr. dos cursos de Educação física e do Mestrado em Educação Física na Universidade Federal de Pelotas.



brasileñas en que más se practica el surf, la misma posee una importancia significativa para los surfistas de la región.

Palabras clave: Recuerdo. Amistad. Surf. Playa del Cassino.

“PARTIU PRO SURF”⁵... O “CONFÉRIS”⁶: A CONDIÇÃO DO MAR...

Este texto é fruto de uma pesquisa em que objetivei construir parte das memórias do surf na Praia do Cassino⁷, litoral sul do Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que, para a escrita destas linhas, o artigo de Daniel Lins (2009) intitulado “Deleuze surfista da imanência: a relação entre o surf e a inspiração do filósofo francês Gilles Deleuze” serviu de aporte, especialmente quando ele salienta que “o surf é um jogo, como todo esporte, mas equipado de um aspecto lúdico que lhe é intrínseco. O surf pode tão-só se emancipar mediante duas condições: o surf é desenvolvimento da alegria pelo corpo, surfar é criar movimento” (2009, s./p.)

Efetivamente, as fontes de análise em que se buscou deslizar foram desencadeadas por um movimento em “onda” empreendido entre leituras, andanças, encontros e desencontros. Consequentemente, ao sentir as vibrações dessa “onda” fui levado a estabelecer conexões entre a experiência que tenho com o surf e a minha condição de pesquisador, culminando num olhar constituído por um *cutback*⁸ com o qual tentei me manter em sintonia com essa escrita-onda.

Walter Benjamin (1994), ao preocupar-se com o declínio da arte de narrar experiências, contribuiu para a edificação desta pesquisa, ao me fazer pensar enquanto surfista e, assim, retirar dessa condição a “própria experiência”, incorporando “as coisas narradas na experiência de seus ouvintes” (p. 201). Nesse sentido, me apropriei de algumas estratégias

⁵ “Partiu pro surf” é uma homenagem aos meus amigos surfistas. Essa expressão é utilizada quando nos encontramos ou nos comunicamos por celular ou pela Internet em dias de boas ondas.

⁶ O termo “conféris” significa o ato de verificar a condição do mar.

⁷ O Cassino é um balneário próximo à extremidade norte de uma praia oceânica com 254 quilômetros de areia fina em sua orla, formando a maior praia contínua da América do Sul, também conhecida como “a maior praia do mundo” (GUINNESS BOOK, 1994). Por falta de delimitação natural, costuma-se chamar Cassino praticamente toda a extensão da praia, que no entanto tem denominações diversas, em localidades também não demarcadas por acidentes topográficos: Querência, Olimpo, El-Aduar, Albardão etc. Alguns desses nomes relacionavam-se a empreendimentos turísticos ou imobiliários que não se concretizaram e ficaram no esquecimento. O balneário Cassino – que, do ponto de vista administrativo, é um bairro do município de Rio Grande – localiza-se a 321 quilômetros ao sul da capital Porto Alegre. Um dos trajetos entre o Cassino e Rio Grande é feito pela rodovia RS-734, num deslocamento de 23 quilômetros.

⁸ *Cutback* é a manobra utilizada pelo surfista para retornar ao momento de pressão da onda, geralmente até a espuma, a partir da qual a onda volta a se abrir para novas manobras.



advindas da História Oral, conforme a concebem autoras como Ferreira e Amado (2006), e coletei quatro depoimentos orais com sujeitos que impulsionaram o surf na praia do Cassino no final dos anos de 1970 e início da década de 1980. Essas entrevistas⁹ consolidaram a produção das fontes orais e constituíram “a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si” (BENJAMIN, 1994, p. 211). Depois de transcritas¹⁰, as fontes orais foram formalizadas em narrativas e associadas a outras fontes¹¹. Assim, o texto final desta pesquisa constitui-se em uma narrativa compartilhada do surf na praia do Cassino, que comporta as memórias dos surfistas “das antigas”, bem como análises e interpretações dessas lembranças pelos autores deste trabalho.

A CONSTRUÇÃO DA REDE DE NARRADORES

Os narradores que constituíram a rede neste estudo foram: AntonioPhilomena, 58 anos; Ricardo Fernandes, 45 anos; Ramiro Martinez Neto, 48 anos, e Fernando Ferreira, 48 anos¹².

A rede de narradores partiu da entrevista feita com AntonioPhilomena¹³ em 2009, no interior das dependências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Após narrar a sua experiência com o surf, Philomena me aconselhou a procurar o surfista Cícero Vassão, um funcionário da FURG. Seguindo essa indicação encontrei Cícero Vassão, que me recomendou

⁹ As entrevistas permearam os dois estilos expostos por Paul Thompson, ou seja, “a que se faz sob forma de conversa amigável e informal” e “o estilo mais formal e controlado de perguntar” (1992, p. 254). A variação dos estilos se deu após a primeira das quatro entrevistas que realizei, especialmente quando percebi que as perguntas interrompiam as recordações do entrevistado. Diante disso, optei pelo estilo informal nas entrevistas subsequentes.

¹⁰ Para a sistematização das transcrições utilizei algumas regras propostas por Chantal de Tourtier-Bonazzi (2006). Ou seja, as passagens pouco audíveis foram colocadas em colchetes; as dúvidas, omissões, as rupturas sintáticas, assinalados por reticências; o grifo foi utilizado para anotações, como, por exemplo, risos, e as palavras usadas com forte entonação foram grifadas em negrito.

¹¹ “Fontes documentais tradicionais” (LOZANO, 2006), como alguns fragmentos jornalísticos e artigos acadêmicos.

¹² Os nomes citados correspondem aos próprios nomes dos entrevistados, que concordaram com essa decisão ética metodológica e demonstraram orgulho em terem seus nomes citados na versão final da pesquisa.

¹³ A escolha por esse narrador foi impulsionada pelas constantes narrativas inspiradas em sua experiência como surfista, me afetando, especialmente, na disciplina de Ecologia, a qual tive a oportunidade de realizar como graduando.



pesquisar alguns materiais escritos por ele, que foram publicados no jornal *Agora*¹⁴. Nessa fonte, Vassão recorda alguns personagens que marcaram a história do surf no Cassino:

Correndo o risco de esquecer muitos nomes, posso citar o João Farinha, Ângelo Pinho, Marcelo Abedão, Negrão Roberval, Aléssio, Sílvio Peixoto, Salada. Entre os *goofiefooters*¹⁵, o melhor representante da nossa geração foi, sem dúvidas, o Castilhano. E havia aqueles que já estavam lá, posicionados no pico, quando chegamos: Pingo, Pipoca, Ramiro, Ernesto, Chaves... Antes disso já é pré-história (VASSÃO, 2004, s/p).

A partir da matéria de Vassão (2004, s/p), interessei-me por entrevistar o Pingo, o Pipoca, o Ramiro, o Ernesto e o Chaves, já que, segundo Vassão, eram “aqueles que já estavam lá, posicionados no pico¹⁶”.

Entrevistei Ricardo Fernandes (Pipoca) em sua residência e ele contou-me que Ernesto, que era “um colega muito amigo do Chaves, também das antigas, gente boa” (FERNANDES, 2010), já tinha falecido. Posteriormente, a partir da ajuda de uma amiga, cheguei até Ramiro Martinez Neto, o qual me concedeu a entrevista em seu local de trabalho. O último entrevistado foi Fernando Ferreira (Pingo). Apesar de estar residindo na cidade de Pelotas¹⁷, me concedeu a entrevista dentro de seu carro, em uma vinda a praia do Cassino, também em 2010.

A EMERGÊNCIA E OS DIÁLOGOS DO SURF NA PRAIA DO CASSINO

Confrontar as memórias de outros e ser modificado nesse encontro é diálogo; desistir das nossas, sem pensar, é capitulação (PORTELLI, 2006, p. 130).

¹⁴ O jornal *Agora*, fundado em 20 de setembro de 1975, abrange a cidade de Rio Grande e seu entorno, e tem circulação diária, com exceção dos domingos.

¹⁵ Termo utilizado para caracterizar os surfistas que ao se erguerem na prancha posicionam o pé direito na frente.

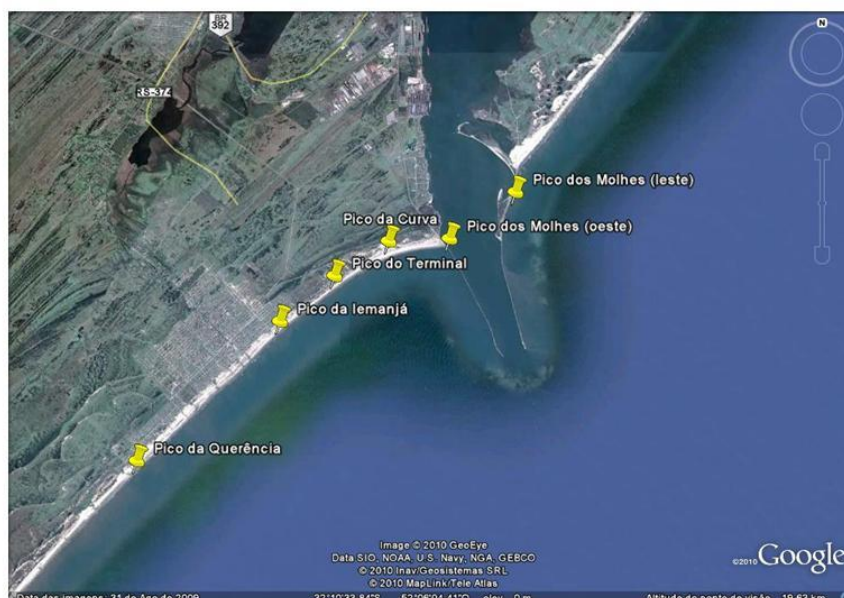
¹⁶ Os “picos” são lugares onde a sintonia entre ondulações e bancadas (de areia ou pedra) na praia proporcionam condições frequentes para o surf. Neste trabalho, utilizo o termo para delimitar os lugares onde frequentemente quebram ondas com melhores condições para a prática do surf na Praia do Cassino. No entanto, é comum o surfista referir-se ao “pico” como a localidade onde mora, ou seja, a Praia do Cassino é “o pico onde eu surfo”. Para uma leitura acadêmica desse termo, consultar o trabalho de Celso Senna Alves Neto intitulado *O pico dos surfistas e os surfistas do pico: sociabilidades, territorialidade e surf na Vila dos Peixes*, disponível em <<http://tcc.bu.ufsc.br/CienSoc299665.pdf>>. Acesso em 08/03/12.

¹⁷ Município gaúcho localizado no Sul do Estado e distante 259 quilômetros, seguindo a rodovia BR-116, da capital Porto Alegre. Em relação à praia do Cassino, Pelotas está a 61 quilômetros pela BR-392.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO – RS



Na imagem de satélite acima é possível observar a orla da praia do Cassino, a faixa clara que divide os tons esverdeados (balneário e arredores) e azulados (Oceano Atlântico). Os lugares assinalados situam os convencionais “picos” de surf dessa praia reconhecida por sua extensão.

Philomena (2009) comenta a correlação da variação dos pontos de surf com as modificações da costa e alerta que a “retirada de dunas para aterro, mais o que sai da Lagoa dos Patos de areia e lama da dragagem vai mudando o fundo, aí vem uma ressaca e muda todo o fundo de novo”.

A narrativa evidencia alguns efeitos da dragagem¹⁸ na praia do Cassino. À medida que as dragas retiram sedimentos do assoreamento no fundo, na região de acesso dos navios ao Porto de Rio Grande¹⁹, bem como no canal constituído pelos Molhes da Barra²⁰, e os

¹⁸ Dragagem é a escavação ou remoção de solo ou rochas do fundo de rios, lagos, e outros corpos d’água através de equipamento denominado “draga”, uma embarcação ou plataforma flutuante equipada com mecanismos necessários para a remoção do solo (TORRES, 2000).

¹⁹ O Porto do Rio Grande consolidou-se pela forte atuação no extremo sul do Brasil, estando entre os mais importantes portos do continente americano em produtividade. Maiores informações disponíveis em: http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_conheca.php. Acesso em: 28 abr. 2011.

²⁰ Os Molhes da Barra são estruturas de pedras, construídas entre os anos de 1908 e 1915, com fins de creditar segurança ao acesso de navios ao Porto de Rio Grande. Atualmente os Molhes da Barra passam por nova estruturação. Maiores informações disponíveis em: <http://www.revistaportuaria.com.br/site/?home=noticias&n=zTzSU&t=ampliacos-dos-molhes-barra-foi-retomada>. Acesso em 28 abr. 2011.



depositam no mar em locais inapropriados²¹, deixam esses sedimentos, compostos de lama principalmente, suscetíveis à influência de correntes marítimas e ressacas que podem direcioná-los ao litoral.

De acordo com Philomena (2009), esses sedimentos, ao atingir a região litorânea contribuem para que não haja consistência de “picos” de surf na praia do Cassino, visto que impede a ação das ondas ao se acumularem nos bancos de areia²², característicos dessa praia. Nesse sentido, o narrador salienta que:

tem onda lá na frente da Iemanjá²³, aí dá outra ressaca e a onda volta para a Curva. Nós aprendemos isso porque esses lugares famosos como o Havaí têm onda sempre no mesmo lugar, lá os fundos são fixos, de recife, duro. Então, entra a onda e bate sempre no mesmo lugar ficando mais fácil de surfar (PHILOMENA, 2009).

Por outro lado, os mesmos efeitos que acarretam essa inconsistência dos “picos” de surf também determinam a pouca constância de ondas na praia do Cassino. Atualmente, Cláudio Touguinha (2010)²⁴ lamenta que a partir dos últimos dez anos as boas condições de surf em determinados “picos” do Cassino já não se repetem e relaciona tal fato com o derramamento de lodo ocorrido na praia em 1998²⁵.

Associadas às memórias de Touguinha (2010) aparecem também as de Ferreira (2010): “naquela época não dava esses efeitos de lodo, dava muito raro, se ouvia falar e tal. Começou a aparecer mais depois de 80 e poucos pra cá e esses prolongamento de Molhes, dragagem, essa coisa toda, que diminuiu as ondas aqui”.

As recordações de Touguinha (2010), Pingo (2010) e Philomena (2009) projetam o surf na praia do Cassino como uma “memória grupal [...] moldada no decorrer de inúmeras ocasiões narrativas, formalizadas em narrativas dotadas de uma forma bastante coerente, estruturada e centrada num tema político” (CAPPELLETO; CALAMANDREI, apud

²¹ Torres (2000, p. 141) alerta que “a distância é muito próxima da costa, podendo ocasionar reflexos para o litoral”. Uma alternativa que vem sendo estudada por pesquisadores da FURG é a de transformar os sedimentos em fonte de energia elétrica, evitando assim o depósito em alto mar. Maiores informações disponíveis em: http://www.portoriogrande.com.br/site/noticias_detalhes.php?idNoticia=613. Acesso em: 28 abr. 2011.

²² Os bancos de areia são formados a partir do fluxo e refluxo do mar ou pela ação das ondas.

²³ A estátua da Iemanjá localiza-se na beira da praia do Cassino, em frente à avenida central daquele balneário. Para melhor localizar esse “pico” em relação a outros citados pelos narradores, ver a imagem de satélite localizada no início deste subitem.

²⁴ O artigo na íntegra está disponível em:

<http://www.kssino.com/main/modules/soapbox/column.php?columnID=7>. Acesso em 28 abr. 2011.

²⁵ O aparecimento de lodo na praia do Cassino em 1998 foi motivo de uma série de protestos da comunidade rio-grandina. Além disso, essa problemática também foi pauta de trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, o de Torres (2000). Cabe ressaltar também que a ocorrência se repetiu em 2008 (<<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL298741-5598,00-PRAIA+FICA+CHEIA+DE+LAMA+NO+LITORAL+GAUCHO.html>>). Acesso em: 28 abr. 2011.



PORTELLI, 2006, p. 108). Portelli (2006) refere-se ao trabalho daquelas autoras atento às memórias criadas e preservadas pelo sentimento de perda, pelo luto que, neste estudo, está expresso em narrativas acerca da baixa constância de ondas na praia do Cassino, como efeito do processo de dragagem e presença do lodo.

Assim, essa “memória grupal” serve-me de suporte no exercício de pensar essa escrita como uma “onda” constituída por narrativas e documentos. Portanto, como no surf, realizo um *drop*²⁶ nessa onda a fim de deslizar em uma superfície que:

como o fora não é o exterior, mas a possibilidade de um fora/dentro, desejo maior do surfista. Ele fica à espreita do grande momento, num instante de duração não linear do tempo que tatua o corpo não com marcas visíveis, mas com um devir imperceptível que inebria a superfície de um dentro em núpcias com o fora. É o momento em que o surfista fura a onda, torna-se tubo com o tubo (LINS, 2009, s/p).

Na busca desse tubo, dialogo novamente com Portelli, quando salienta que “não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram” (2006, p. 127). Nesse sentido, dedico atenção à narrativa em que Martinez (2010) lembra suas investidas para aquisição das pranchas: “comprava do pessoal da Oceano²⁷ que vinham estudar aqui, estudantes de todos os lugares do Brasil, e traziam as pranchas. A minha eu comprei de um cara que já surfava lá no litoral de Porto Alegre e tinha gente do Paraná, do Rio, de Santa Catarina” (MARTINEZ, 2010).

Ao aproximar suas lembranças das relações travadas com os estudantes do curso de Oceanologia da FURG, Martinez (2010) pontua uma singularidade ao espaço da praia, quando salienta que “esse pessoal que vinha de fora dificilmente tu encontrava na praia; eram estudantes. Vinham surfar e não tinha onda, ou tu vinhas e os caras não estavam na praia, então a nossa geração não cresceu vendo outras pessoas surfar. Éramos pessoas totalmente intuitivas” (MARTINEZ, 2010). Nessa linha, ponho-me a pensar em termos gerais que circundam a ocupação do espaço da praia por diferentes grupos de surfistas. Por outras palavras, a distinção feita pelo narrador em um momento que o surf correspondia às relações travadas em prol da sua prática, direciona-me a singularidade daquelas formas de relacionamento, visto que, como alertou Richard Sennett (2002),

as pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais tiverem entre elas barreiras tangíveis, assim como necessitam de locais específicos, em público, cujo propósito

²⁶ Esse termo corresponde ao momento em que o surfista sobe na prancha e entra em sintonia com a onda.

²⁷ O narrador refere-se ao curso de Oceanologia da FURG, criado em 1970 e reconhecido em 1975 pelo Decreto n.º 76.028, de 25 de julho.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

único seja reuni-las. Em outros termos, diríamos: os seres humanos precisam manter uma certa distância da observação íntima por parte do outro para poderem sentir-se sociáveis (p. 29).

Nesse sentido, a partir do interior das relações travadas com o surf, Martinez (2010) problematiza uma ideia corrente do final da década de 70:

de que realmente não tinha onda no Cassino, realmente pra quem chegasse só nos verões aqui e olhasse, tu vai no Cassino no verão não tem onda mesmo, porque a influência de leste, nordeste na ondulação é muito maior no verão do que no inverno. Como não existia uma vida naquela época do Cassino no inverno a sensação de que não tinha onda era muita.

A entrada das ondulações referidas por Martinez é bloqueada pelos Molhes da Barra, os quais “impedem que toda a ondulação de nordeste e leste entre, fique escondida lá em São José do Norte, por isso que dá essa sensação que não tem onda no Cassino” (MARTINEZ, 2010). Essa atenção à arquitetura da praia é correlacionada por Philomena (2009) a uma maneira singular de surfar no sul do Rio Grande do Sul, que:

se caracteriza por uma dificuldade de chegar até lá fora. Tem que atravessar cinco, dez, quinze ondas estourando. Então, tu tens um desgaste físico para atravessar todas essas ondas e, além disso, as ondas variam de ângulo de aproximação da praia. Tens que estar remando sempre, porque tem correnteza, por exemplo, se pegas uma onda e surfas até a beira da praia, tens que remar de novo atrás de dez, quinze ondas.

Assim, o movimento delineado pelas narrativas constrói memórias que, entre outras coisas, revelam alguns acontecimentos que contribuíram para transformar a praia do Cassino também em um espaço público de sociabilidade que passou a possibilitar a prática do surf na região.

Fernandes (2010) lembra que “o Dinorvã levava as bolachinhas num saquinho. A gente chegava lá nos molhes, abria um buraco no chão, botava o saquinho da bolachinha ali, fechava, tapava o buraco ia surfar. Saía, comia, tapava de novo, voltava de novo, porque o cara ia longe, mas valeu à pena” (FERNANDES, 2010). Ferreira (2010) lembra também das estratégias que utilizavam para chegar a “picos” distantes, como, por exemplo, no navio²⁸: “um dia no verão, eu me lembro direitinho, nós pegamos uma Caravan com o Alemão, mais outro carro, e fizemos uma excursão para o navio, cara, pegamos um merreção de 30 centímetros no navio”. A ida para aquele “pico” era motivada pelo longo *flat*²⁹ que acometia

²⁸ O navio *Altair*, encalhado em 1976 durante uma tempestade, proporciona a formação de boas ondas na praia do Cassino. No entanto, o acesso a esse pico deve ser feito, preferencialmente, com veículos, visto que se situa a cerca de 18quilômetros do centro do balneário.

²⁹ *Flat* é o termo que utilizamos em referência ao mar sem ondas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

os arredores do Balneário. Outra alternativa era a travessia a São José do Norte, como conta Ferreira (2010), referindo-se a uma ocasião em que caminharam até o “pico” do Terminal. Com a falta de ondas, seu amigo Serjão disse: “Vamos pro Norte? Saímos a pé até o barco, lá onde nós passávamos, e fomos pro Norte. Nós já tinha ido antes e pegamos umas ondas meio mexidas, naquele dia tava uma perfeição” (FERREIRA, 2010).

Outro ponto que se destacou na memória dos surfistas “das antigas” foram as estratégias que eles utilizavam para suprir a falta de roupas específicas para a prática do surf durante os rigorosos invernos do sul do Rio Grande do Sul. Diferentes artifícios eram utilizados, como, por exemplo, rolar na areia das dunas, surfar com blusões de lã e até mesmo: “VAT 69 eu acho que era o nome daquele whisky, no inverno (risos). A gente entrava na água, saía roxo e dava no whiscão, dava uma aquecida e vamo de novo” (FERNANDES, 2010). A relação de alguns surfistas com o curso de Oceanologia proporcionou acesso a roupas de neoprene, mas Philomena (2009) recorda que era “uma roupa para três pessoas, essa roupa era de mergulho, duríssima, nada a ver com o surf, e eram duas peças, como toda roupa de borracha daquela época”.



Imagem 1: “Segue atachada uma fotografia colorida antiga (datada de 01 de junho de 1980) tirada no local denominado ‘Curva’ no Cassino. Notar que estou de costas tirando a parte de cima de uma roupa de borracha para emprestar para o Milton Asmus, enquanto o José Nestor Cardoso espera a troca. No chão tem uma prancha biquilha branca K&K (5’4”) e um surfboat feito na Argentina. Tempo nublado com ondas se organizando depois de uma ressaca típica de inverno” (e-mail enviado por Philomena no dia 24 de setembro de 2010).

Seis meses após a entrevista, Martinez também me concedeu algumas fotos que havia encontrado, mostrando que tanto ele como Philomena e os outros surfistas “das antigas” tinham nas fotografias uma muleta para suas memórias. As fotos faziam parte de suas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

biografias, elas eram alguns dos seus “objetos biográficos” (VIOLETTE MORIN, apud BOSSI, 2003).

no final dos anos de 77, cara, início de 78, recordo de encontrar junto com Guilherme Salgado, um cara de Porto que veio pra cá, e foi um dos primeiros a também ter prancha. A gente se encontrou no Yacht, ficamos amigos no Yacht ali. Naquela época, a gente velejava e já com aquela idéia “bah, vamos comprar prancha”. [...] Naquele mesmo ano, mais precisamente em agosto, eu comprava a minha primeira prancha: uma Rico, 7’ pés, azul, monoquilha. Comprei do Daoth, um portoalegrense que estudava Oceanologia, que acabara de vir da Ilha do Mel (MARTINEZ, 2010).



Imagem 2: Na fotografia tirada no verão de 1979 encontra-se Ramiro à esquerda e Guilherme à direita, na beira da praia do Cassino (foto cedida por Ramiro em outubro de 2010).

Em outro momento do seu depoimento, Ramiro faz mais algumas referências a essa fotografia e comenta que “a gente fez alguns *leashes*³⁰ também, com seringa³¹, naquela época o *leash* era uma seringa dessas de amarrar em braço, comprada a metro, com uma corda

³⁰ *Leash* é um acessório de segurança que liga o surfista e a prancha.

³¹ O que através da transcrição pode parecer confuso fica mais evidente na fotografia: a *seringa* referida por Martinez é uma borracha para torniquetes, usada para aplicação de soro ou medicamentos.



dessas de nylon por dentro, dava um nó, amarrava uma peseira³² feita de cinto de segurança” (risadas) (MARTINEZ, 2010).

Sobre a construção dos materiais para a prática do surf, Martinez (2010) narra também as suas empreitadas no aprimoramento das pesadas e antigas pranchas que circulavam na praia do Cassino, salientando que “todas foram feitas inteiramente a mão, desde descascar o bloco de poliuretano que tem uma laminazinha, uma película que protege o bloco, tudo descascado a mão” (MARTINEZ, 2010). Já Ferreira (2010) lembrou sobre como faziam para conseguir parafina: “Uma vez nós fomos coar; deu um blecaute na luz, nós fomos coar numa meia lá na casa do Parafa e quando veio a luz ele disse: ‘poxa! minha meia nova!’ (risos). Coava a parafina e usava de novo, porque não tinha, era difícil de conseguir”(FERREIRA, 2010).



Imagem 3: Acima temos Renato ajoelhado, segurando os cavaletes, e Ramiro em pé lixando o bloco de poliuretano (foto cedida por Ramiro em outubro de 2010).

dessa época, mais precisamente em 82, surge o primeiro esboço de fábrica de prancha na cidade que eram as pranchas que a gente deu o nome de Lua Nativa Pranchas de Surf! [...] Ajudei ainda o Renato a fazer uma prancha dele e realizei junto com o Guilherme mais duas outras pranchas encomendadas pelo Aléssio e pelo Marcelo Rojão (MARTINEZ, 2010).

³² A peseira feita com cinto de segurança, referida por Martinez, era fixada em uma extremidade da *seringa* (borracha de soro) e amarrada no calcanhar do surfista no momento em que ia surfar, efetuando assim a função do *leash*, uma vez que a outra extremidade da *seringa* era fixada na prancha.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

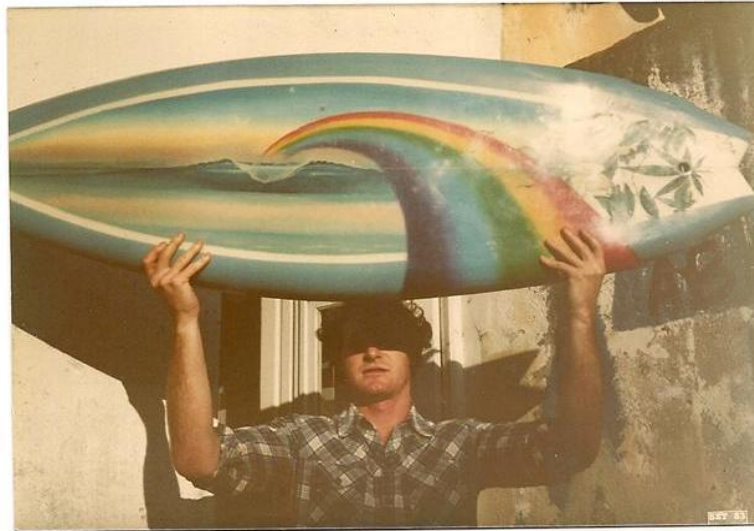


Imagem 4: A fotografia cedida por Ramiro (outubro de 2010) é de setembro de 1983 e traz o Alemão Jorge segurando uma prancha com sua pintura.



Imagem 5: Fotografia datada de janeiro de 1984 – prancha produzida na fábrica Lua Nativa (foto cedida por Ramiro, outubro de 2010).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS



Imagem 5: Fotografia tirada na praia do Cassino no verão de 1979. Da esquerda para a direita: Alemão Pereira, Guilherme Salgado, Eduardo Varela e Ramiro Martinez (foto cedida por Ramiro, outubro de 2010).

Sobre os indivíduos que aparecem na fotografia acima, Fernandes lembra que

são o pessoal das antigas. E da minha geração, quem começou a surfar comigo foi o Zé Rivoire, o Fernando Lourenço, Marcelo, o John como chamam, é a minha turma mesmo. E tinha o pessoal da Mar de Sul, que faziam as pranchas: Ângelo, Frank, o irmão dele o Marcelo, que eu me lembro que a gente iniciou juntos (FERNANDES, 2010).

O grupo dos “surfistas das antigas” impulsionou a emergência de novos grupos, fazendo proliferar o surf na praia do Cassino. Ao falar sobre a fábrica Mar de Sul³³, Ferreira lembra que morou lá “uns três ou quatro anos”. E, comenta: “os guris faziam prancha de *windsurf*, surf e tudo. E aí era eu, o Ângelo e o Frank que morava lá... e nós pegávamos as ondinhas. Ia dali pra praia, voltava pra lá” (FERREIRA, 2010).

Na conversa que realizei informalmente (sem gravador) com Frank Peluffo, um dos proprietários da Mar de Sul³⁴, Frank comentou que a fábrica ajudou na propagação do que ele chamou de estilo “New Wave”, com a confecção de pranchas com pinturas abstratas e coloridas, que eram inspiradas em filmes como “Menino do Rio” (1981). Ele também destacou

³³A fábrica de pranchas Mar de Sul sucedeu a Lua Nativa. De acordo com Ramiro Martinez (2010), as últimas pranchas da Lua Nativa foram feitas em 1983/1984.

³⁴ Frank Peluffo salientou que o nome da fábrica estava relacionado com as condições meteorológicas para o surf na praia do Cassino.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

a importância que teve para a fábrica Mar de Sul a parceria feita com o *shaper*³⁵ uruguaio Willy.



Imagem 6: Cartão publicitário da fábrica Mar de Sul em meados da década de 80. (cartão cedido por Peluffo, novembro de 2010)



Imagem 7: Frank Peluffo “shapando” na fábrica Mar de Sul em meados da década de 80. (fotografia cedida por Peluffo, novembro de 2010)

³⁵*Shaper* é o termo que denomina o artesão que dá forma às pranchas de surf a partir de blocos, geralmente, de poliuretano.



Com o crescimento da mobilização dos surfistas “das antigas” e o surgimento da Mar de Sul, melhoraram as possibilidades para a propagação do surf no Cassino. Nesse sentido, tanto o recorte jornalístico de Cícero Vassão, como o depoimento de Ferreira (2010), trazem algumas pistas para possíveis estudos acadêmicos que se proponham abordar outros momentos históricos do surf no Cassino, posteriores à delimitação que predominou neste estudo.

Apareceu uma gurizada com um jeito New Wave assim, que eram os kisuco, uma turma de 7, 8 guris que entravam juntos, entre esses kisuco o Salada, o Rodrigo Schmidt era carioca, alemão Beto, aqueles guris foram quase a nível do Castilha também, o Aléssio era da turma deles, o Márcio irmão do Bicudo (o Roni)... o Márcio Martins primo do Ramiro, aí foi indo, cara [...]Kisuco porque tinham os cabelinhos tudo parecido e era tudo igual e nós chamava eles de kisuco, na época era gurizadinha, era outra concepção, já entrava essa parte mesmo de competição, já tinha essa idéia(FERREIRA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ONDA FECHOU

Ao final deste exercício investigativo referente às memórias dos surfistas da praia do Cassino, do final da década de 1970 e início da década de 1980, vários foram os pontos que chamaram a nossa atenção, entre esses destacamos as estratégias, as invenções e as improvisações que os “surfistas das antigas” utilizaram para enfrentar as inúmeras dificuldades, referentes aos equipamentos, ao clima e também aos preconceitos que se apresentavam para quem ousou surfar em uma praia que estava à margem do circuito mais em voga para o surf, naquele momento.

Outro ponto que se sobressaiu da pesquisa refere-se à cumplicidade e as parcerias que os narradores (surfistas “das antigas”) estabeleceram entre eles, através das afinidades possibilitadas pela experiência do surf. Sobre a importância dessas afinidades, fomentadoras de práticas e amizades, Ortega (2000, p. 115) lembra-nos que o cultivo da amizade pode levar-nos “a substituir a descoberta de si, pela invenção de si, pela criação de infinitas formas de existência”.

Por fim, o estudo evidenciou também que o Cassino, apesar de não estar entre as praias brasileiras mais reconhecidas pela prática do surf, possui uma importância significativa para os surfistas da região. Assim, sustenta-se a pertinência de outros estudos relativos a esse mesmo assunto, como, por exemplo, estudos que tratam da prática atual do surf junto à



praiado Cassino, principalmente se considerarmos que essa praia é uma das poucas possibilidades de locais para a prática do surf na Zona Sul do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERREIRA, M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LINS, D. Deleuze surfista da imanência: a relação entre o surf e a inspiração do filósofo francês Gilles Deleuze. **Cult**, n. 139. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/novo/site.asp?edtCode=405A8403-AD34-47FE-9051-22017E8B23A9&nwsCode=C9F6BB16-5981-4AEA-9347-17017B62091F>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

LOZANO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: tiranias da intimidade. São Paulo: Schwarcz, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, R. **Análise preliminar dos processos de dragagem do Porto de Rio Grande, RS**. Rio Grande, 2000. 179f. Dissertação [Mestrado em Engenharia Oceânica] – Universidade Federal do Rio Grande.

TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VASSÃO, C. Surf no Cassino. **Agora**, Rio Grande, n. 7913, p. 1, 17 jun. 2004. Supl. Geração Agora.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

“PARTIU PRO SURF”: MEMÓRIAS E AMIZADES NA PRAIA DO CASSINO –
RS

ENTREVISTAS

FERNANDES, Ricardo. **Entrevista concedida ao pesquisador em 08/02/2010.** Rio Grande, 2010.

FERREIRA, Fernando. **Entrevista concedida ao pesquisador em 08/05/2010.** Rio Grande, 2010.

MARTINEZ, Ramiro. **Entrevista concedida ao pesquisador em 10/04/2010.** Rio Grande, 2010.

PHILONEMA, Antonio Libório. **Entrevista concedida ao pesquisador em 14/10/09.** Rio Grande, 2010.

Recebido em: 29/03/2012
Aprovado em: 10/05/2012